



## **AS REPRESENTAÇÕES, RELAÇÕES SOCIAIS E DE GÊNERO ENTRE OS JOVENS RURAIS DOS ASSENTAMENTOS DO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL**

Kátia Aline da Costa<sup>1</sup>

Tão importante quanto os estudos de gênero, torna-se cada vez mais necessário refletir acerca das relações sociais construídas nos espaços dos assentamentos rurais, lugar este envolto por dilemas, dificuldades e desafios. Nessa perspectiva, o presente trabalho se insere na preocupação em proporcionar reflexões, no que diz respeito, a vida nos assentamentos, compreendendo sobretudo, as representações, relações sociais e de gênero que envolvem a juventude rural. Para tanto, é preciso ponderar que ainda são poucas as pesquisas relacionadas à juventude, principalmente no que tange à juventude rural do Estado de Mato Grosso do Sul.

Por esse motivo, gênero e juventude serão refletidas como categorias que emergem em interação. O gênero é uma variável sócio-cultural com interferências e influências de outras categorias como raça/etnia, classe social, religião e geração, e por isso não pode ser compreendido como conceito estruturado pela diferença fisiológica entre homens e mulheres, mas como construções que permeiam a vida dos indivíduos.

Em contrapartida, para o estudo da juventude, o Conselho Nacional de Juventude (CONJUVE)<sup>2</sup>, definiu que são considerados/as jovens aqueles/as cidadãos/as que se encontram entre os 15 e 29 anos. No entanto, paralelo a esta definição, é preciso levar em consideração não somente a faixa etária, mas as especificidades e transformações que envolvem a juventude.

Nesse sentido, Heloisa Helena Souza Martins (2002, p. 20), faz uma análise interessante acerca do trabalho com a juventude: “[...] quando se trabalha com a questão da juventude é preciso considerar a diversidade social, econômica e cultural que a categoria juventude encobre”. Portanto, analisaremos a juventude rural levando em consideração três aspectos importantes: sua diversidade e transformação observando o lugar em que os/as jovens estão inseridos; o tempo de constituição, ou seja, o tempo em que se encontram no assentamento; e as relações sociais que os envolvem.

Caminhando nessa reflexão, os assentamentos rurais são considerados, não somente como o resultado da luta pela terra e de processos sociais conflituosos enfrentados por grupos de pessoas e/ou aliados, mas são compreendidos sobretudo, como o lugar de morada, de sustentabilidade, e

---

<sup>1</sup> Formada em Licenciatura Plena em História pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Estudante de Pós-Graduação Mestrado em História pela mesma instituição. E-mail: katia\_ufgd@hotmail.com

<sup>2</sup> Este órgão foi criado em 2005 com o objetivo de realizar estudos e propor diretrizes para as políticas públicas voltadas aos jovens.



principalmente de construção de representações que se perpetuam a partir das vivências e trajetórias no cotidiano dos/as assentados/as. Por isso, os assentamentos rurais pressupõem ocupações e transformações que se concretizam a longo prazo permeadas por continuidades e descontinuidades, mas que influenciam na vida das famílias assentadas.

Nesse sentido, nossa reflexão sobre os assentamentos rurais deve caminhar para além da dimensão produtiva analisando, sobretudo, os laços de sociabilidade e de reciprocidade que permeiam esses espaços, porém que ao mesmo tempo, estão envolvidas em relações de conflituosidade, desafios e tensões. Por conseguinte, para que se desenvolva esta proposta investigativa, salientamos a importância dos estudos sobre os assentamentos rurais, utilizando para tanto as reflexões de Medeiros (2010), no que diz, “[...] é preciso compreender que a luta pela terra não pode ser entendida como uma saída para aqueles/as que querem a terra, mas ela deve ser analisada como uma opção que é altamente mediada por políticas públicas”<sup>3</sup>.

Feitas tais considerações, é preciso dizer que são múltiplas as representações que o meio rural evoca no cotidiano dos/as jovens assentados/as. Essas representações do que é vida no assentamento e de quais as perspectivas para a juventude, inspiram uma série de significados que são constituídos no campo e entrelaçam-se nas vivências das relações sociais e de gênero nos assentamentos.

Ainda, no que tange aos assentamentos rurais do Estado de Mato Grosso do Sul, é preciso refletir alternativas que viabilizem inserir os/as jovens na produção, possibilitando sua permanência nesses espaços, de maneira a compreender suas representações de vida no assentamento e as relações sociais e de gênero que os envolvem. Assim os desejos, anseios e sonhos dos/as jovens devem ser entendidos, respeitando o significado de viver neste lugar, como também a vontade de, para alguns/as, nele permanecer, para outro/as, a vontade de sair, sem, no entanto, desconsiderar os motivos e os incentivos para tais escolhas.

### *Relações de Gênero e Representações nos Assentamentos: Algumas Considerações*

Quando trazidas para o meio rural, as análises de gênero têm contribuído significativamente para mostrar entre outras situações, as relações sociais que envolvem homens e mulheres, as concepções e representações que permeiam a vida dos/as assentados/as. No entanto, o que se tem

---

<sup>3</sup> Esta citação tem por base a palestra proferida pela Professora Dra. Leonilde Sérvolo de Medeiros (UFRRJ), em Mesa-Redonda intitulada Assentamentos Rurais: Perspectivas ou Final de um Ciclo, durante o *IV Simpósio Sobre Reforma Agrária e Assentamentos Rurais 2010* – Assentamentos Rurais: Controvérsias e Alternativas de Desenvolvimento. Ver referência ao final na bibliografia.



percebido nos assentamentos, - pelo menos no que diz respeito àqueles pesquisados no Estado de Mato Grosso do Sul<sup>4</sup>, - é a dificuldade de transformação nas concepções de gênero que são produzidas no meio rural, uma vez, que as relações sociais nos assentamentos são pautadas por valores patriarcais, arraigados e difíceis de serem transpostos.

Para tanto, é necessário lembrar que a categoria gênero ganhou força com as teóricas do feminismo contemporâneo, visto que se procuravam compreender as desigualdades presentes entre os sexos feminino e masculino e as formas de influência nas relações sociais.

Nessa perspectiva, se inserem os estudos de Joan Scott (1991), esta busca historicizar o conceito de gênero, ao mesmo tempo, em que chama atenção para a importância dos aspectos políticos procurando compreender as múltiplas identidades, etnias e raças. De acordo com Scott (1991), o gênero deve ser pautado numa construção histórica e cultural, ou seja, é preciso compreender o gênero para além da característica biológica e do conceito relacional, que até então inseria o conceito de gênero numa simplista divisão e classificação dos sexos entre o feminino e o masculino. Nesse sentido, a partir da década de 80, começa a se questionar a identidade biológica, uma vez, que o sexo passa a ser incluído na reflexão, mas não como determinante para a identidade e vivência da sexualidade.

Nas análises de Scott (1991), é importante notar as críticas que a autora tece com relação ao gênero não ser estudado na política, demonstrando a partir daí a necessidade que se faz das teorias e dos estudos feministas avançarem no sentido de acompanharem as transformações sociais, uma vez, que o gênero não é determinante e acabado, mas que está em constante construção. Portanto, Scott (1998, p. 01), analisa que “[...] o gênero não se refere apenas às idéias, mas também às instituições, às práticas quotidianas, como também aos rituais e a tudo que constitui as relações sociais [...]”, por esse motivo a autora considera o gênero como abrangente, histórico e tensionado.

Outra contribuição importante para os estudos de gênero se faz com as análises de Lauretis (1994), que compreende gênero como produto, processo e conjunto de significados que influenciam a prática. Para Lauretis (1994), as representações de gênero são construídas e desconstruídas, uma

---

<sup>4</sup> As reflexões da pesquisadora pautam-se nas pesquisas de campo e observações realizadas em pelo menos oito assentamentos sendo eles: Assentamento Colorado (município de Iguatemi-MS), Corona (Ponta-Porã-MS), São Judas (Rio Brilhante-MS), São Sebastião (Ivinhema-MS), e assentamentos Santa Rosa, Tamakavi e Sul Bonito (Itaquiraí-MS). Tais pesquisas foram possíveis devido ao projeto *Assentamentos Rurais no Sul de Mato Grosso do Sul: Estudos Econômicos e Sociais das Mudanças no Meio Rural*, projeto este concluído, financiado pelo CNPq e Fundect tendo como coordenadora a professora Dra. Marisa de Fátima Lomba de Farias. Vale destacar, que as reflexões deste artigo, também é continuidade de outras pesquisas que se encontram em andamento, sob a vigência do projeto intitulado *Mulheres: Relações de Gênero e de Trabalho nos Assentamentos de Reforma Agrária Guaçu e Santa Rosa no Município de Itaquiraí-MS*, coordenado pela professora Dra. Marisa de Fátima Lomba de Farias e financiado pelo CNPq.



vez, que gênero se constitui como uma representação social, uma construção e um modo diferente e único de cada indivíduo. Por conseguinte, Lauretis (1994), acredita que não há uma universalização das identidades, ao passo, que as identidades são fluídas e construídas por experiências. Por isso, a autora trabalha com a idéia de paradoxos, uma vez, que busca questionar as dicotomias, pensar as formas de construção das especificidades e identidades, compreendendo as desigualdades de raça, de classe e de gênero, de maneira a contribuir para a superação dessas condições que dividem e separam, criando modelos e oposições entre homens e mulheres. Dessa forma, Lauretis afirma:

O termo gênero é uma representação não apenas no sentido de que cada palavra, cada signo, representa seu referente, seja ele um objeto, uma coisa, ou ser animado. O termo gênero, é na verdade, a representação de uma relação, a relação do pertencer a uma classe, a um grupo, uma categoria. Gênero é a representação de uma relação. O gênero constrói uma relação entre uma entidade e outras entidades previamente constituídas como uma classe, uma relação de pertencer. Assim gênero representa não um indivíduo e sim uma relação social<sup>5</sup>.

Ainda no que diz respeito às relações de gênero, é interessante notar as análises de Saffioti (2004), pautadas na relação entre exploração e dominação, que a seu ver, caminham juntas, por isso, a autora considera que a violência de gênero deve ser refletida em uma perspectiva política, no âmbito da sociedade. Todavia, se faz necessário, então, uma constante interação entre teoria e prática.

Nesse sentido, Saffioti (2004), considera o gênero como ambíguo e simbólico, o mesmo permeia o político, as subjetividades e as relações de classes. Da mesma forma, analisa que devemos entender as múltiplas identidades por meio de particularidades e diferenciações, portanto, compreende “[...] sexo e gênero uma unidade, uma vez que não existe uma sexualidade biológica independente do contexto social em que é exercida”. (SAFFIOTI, 2004, p.108).

Não obstante por considerar sexo e gênero como uma unidade, Saffioti (2004, p.111), emprega o termo gênero recusando todo o essencialismo biológico, assim como fizeram vários/as estudiosos/as do feminismo. O conceito de gênero, por isso, não é “[...] tão-somente uma categoria analítica, mas também uma categoria histórica”. Por conseguinte, gênero se insere numa categoria histórica, mas que, no entanto, não perde seu caráter social e corporal.

Todavia, as relações de gênero se estruturam através das relações sociais construídas no cotidiano. O cotidiano, assim, é o espaço, o solo firme, o lugar onde se organizam as representações sociais, momento em que se reproduzem relações sociais sendo estas diferentes, ambíguas e não lineares. (LEFEBVRE, 1996).

---

<sup>5</sup> LAURETIS, T. A Tecnologia do Gênero. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 210



No que diz respeito às representações, utilizando as análises de Lefebvre (1983), é possível perceber que este autor compreende as representações enquanto mediações e elementos que organizam a vida social. As representações surgem, a partir do conceito, porém este não se reproduz por si só, o conceito são concepções objetivas e simbólicas que buscam compreender e conhecer o desconhecido. Nesse sentido, Lefebvre (1983), entende o conceito enquanto amplo, permeado por construções e reestruturações, portanto, não o compreende como absoluto daí, a necessidade de pensá-lo como processos dinâmicos.

Para Lefebvre (1983), as representações surgem da necessidade de uma nomeação e significação das coisas, portanto as representações permeiam o conhecido e o desconhecido, orientam o vivido e o concebido, está no presente e no ausente, ao passo, que as representações são falsas e verdadeiras ao mesmo tempo. Nas palavras de Lefebvre “verdaderas como respuestas a problemas reales y falsas como disimuladoras de las finalidades reales” (1983, p.62).

É interessante notar, que quando Lefebvre (1983) trabalha com o conceito de representação, de maneira a reconhecê-la como falsas e verdadeiras, o autor não está negando-a enquanto uma ou outra, mas buscando por meio de sua análise compreender as representações como algo que está muitas vezes oculto, com o não dito. Ou seja, como interditos as representações ganham estatuto, ganham forças e constroem verdades servindo para o domínio e para a abertura de caminhos que levem ao possível. Esse possível se caracteriza pela busca incessante onde nada está inscrito e onde o conhecimento não é verdade acabada.

As análises de Lefebvre (1983), nos orientam a refletir as representações como fortalecedoras e construtoras do vivido, ao mesmo tempo, em que nos leva a compreensão das representações enquanto construções permeadas por relações de poder. Por isso, é necessário romper com representações dominantes, que por vezes, dividem e fragilizam os sujeitos sociais e que estão arraigadas em nossa sociedade como verdades absolutas.

Nesse sentido, o gênero emerge como representação social, ao passo, que a representações são dinâmicas e heterogêneas, assim também se constitui o gênero. (SAFFIOTI, 2004). Visto isso, é preciso considerar os elementos que fazem parte das relações sociais e não apenas o indivíduo ou o sexo, ou seja, nas análises de gênero consideram-se raça, etnia, classes sociais e culturas. Portanto, as reflexões de gênero são necessárias, uma vez, que os estudos de gênero passam assim, a ser o questionamento da desigualdade sexual e social, na qual, se dava à submissão dos sexos. (BARBIERI, 1993, *apud* JOFFER, 2008).



De fato, quando estabelecemos um preconceito de gênero ou de raça, e/ou quando elaboramos uma discriminação sexual dos indivíduos, violamos o direito do outro de se manifestar e de se representar tal como é. Retiramos-lhe o direito de participar da sociedade, e marginalizamos as representações diversas que podem ser construídas nas relações sociais estabelecidas pela sociedade. Por isso, como analisa Adelman (2002, p. 60), é preciso encarar as “[...] diferenças de gênero geradas pelas práticas de poder e exclusão”, que por vezes, permeiam e orientam a vida dos sujeitos num cotidiano marcado por vivências, tensões e conflitos.

Enfim, para compreender a vida da juventude rural nos assentamentos, se faz necessário que levemos em consideração alguns aspectos que permeiam e orientam o cotidiano das famílias assentadas, e dos/as filhos/as que se encontram nos assentamentos. As representações, relações sociais e de gênero devem ser refletidas então, enquanto construções, por isso, utilizando de tais conceitos e autores (as), estamos buscando construir nossa reflexão acerca da realidade da juventude rural, que se encontra envolvida não somente por dificuldades de permanência na terra, mas, sobretudo, envoltas pelo desafio e reconhecimento de suas identidades e das relações sociais.

#### *Alguns Aspectos da Realidade dos/as Jovens nos Assentamentos Rurais*

Neste momento, faremos algumas considerações sobre o viver da juventude nos assentamentos e como os/as jovens apresentam suas concepções relativas a esse vivido, que demarcam uma heterogeneidade de visões de mundo, anseios, necessidades e avaliações sobre a vida no campo e na cidade.

Ora, o assentamento é considerado como um lugar maravilhoso e tranquilo, o resultado de uma luta realizada por suas famílias que deve ser valorizada com a permanência e o desenvolvimento no assentamento. Ora, muitos/as jovens ambicionam uma vida melhor, destacam que não alcançam melhorias significativas com relação ao trabalho e à educação, um dos maiores desafios nos assentamentos.

Dessa forma, os/as jovens que apresentam uma concepção positiva de vida no assentamento, vivem em constante interação, não somente com o meio no qual residem – com os/as vizinhos e/ou amigos/as dos sítios aos redores –, mas também com os projetos mais amplos do assentamento, quando então, se organizam e manifestam entusiasmo e vontade de transformar este espaço em um lugar mais produtivo proporcionando melhor qualidade de vida para os/as assentados/as.

Tal fato pode ser percebido durante pesquisas em campo, quando perguntamos para os/as jovens se eles/as gostam da vida que levam no assentamento, os depoimentos foram os seguintes:



“Ah eu acho aqui muito bom! Assim, apesar di ter as dificuldade, mais quando eu tive meus dizoito anos, eu vo trabalha, achu que vou trabalha pra fora, mais não pra mim fica pra lá. Eu vou vim pra cá, vou fica aqui junto com os meus pais, só vo traze melhores condições”. (D. O. 15 anos).<sup>6</sup>

Na entrevista concedida por T. G., também se percebe a concepção de vida positiva no assentamento, quando o jovem diz:

É pra mim o assentamento é um lugar que marco. Nós, quando mudo pro sítio, eu tinha oito anos, né? Pra mim lá aquele lugar praticamente foi que eu me criei lá dentro, eu num, num gostaria de sair de lá pra mim vim trabalha aqui, por mais que seja perto, mais eu não gostaria. Que eu gostaria mesmo de fica lá junto com o meu pai e a minha mãe que é o meu lugar, né? (T. G., 24 anos).

Por outro lado, para os/as jovens que destacam os pontos negativos, o significado da vida no assentamento se mostra confuso, ao passo, que são muitas dificuldades de permanência na terra. Em pesquisas de campo, observamos que esses/as não vêem perspectivas de desenvolvimento e crescimento no assentamento, e por isso almejam a vida na cidade, como forma de tornarem-se trabalhadores/as com carteira assinada, ou mesmo de cursarem uma universidade, oportunidades que se encontram distantes da realidade atual proporcionada nos assentamentos. No depoimento a seguir percebemos os pontos negativos de vida no assentamento relatados pela jovem:

Olha eu acho péssima as condições aqui, porque aqui é assim, se você adoce di noite, e você tem que i pro hospital, o hospital aqui é particular, se você for consulta num postinho, você num consulta, no postinho você num consegue. Pra você chega no posto aqui, você tem que madruga, e você chega ta cheio di gente. Pra você dá uma vacina numa criança, você tem qui enfrenta uma fila enorme, e ainda tem vez que acaba as vacina. (T. S., 15 anos).

Durante a entrevista realizada com esta jovem, pudemos por várias vezes, perceber a concepção negativa de vida no assentamento, e a vontade desta jovem de sair deste lugar, já que a mesma não encontra perspectivas e alternativas como lazer, condições que viabilizem atendimento para a saúde de seus/as filhos/as, e oportunidades de trabalho que possibilitem a permanência de sua família no assentamento. Por esse motivo, a jovem relatou no momento da entrevista, que seu marido teve que se mudar para uma cidade vizinha, devido à necessidade de conseguir um trabalho remunerado e com carteira assinada, de maneira a favorecer a sustentabilidade da jovem/esposa e de seus filhos que continuaram a morar no assentamento.

Segundo análises de Elisa Guaraná (2005), os/as jovens dos assentamentos estariam ocupando o espaço urbano, primeiro pela própria desvalorização da cultura camponesa, e segundo pela constante atração que os estilos da cidade despertam nos/as jovens. Percebemos então, que não

---

<sup>6</sup> No momento da transcrição, optamos por não realizar correções gramáticas nas entrevistas concedidas, assim como por não identificar os/as entrevistados/as, utilizando apenas as iniciais do nome e sobrenome, a fim de respeitar suas falas e identidades.



são todos/as jovens que desejam permanecer no assentamento. Dessa forma, os significados e significantes construídos nesses espaços não são os mesmos, já que por vezes, são enaltecidos do viver na terra, por vezes negam esse viver diante de inúmeros obstáculos.

Nesse contexto, é interessante observar como os laços familiares são significativos e influenciam nas representações permeadas nos assentamentos. A família nesse, momento, assume um papel mediador entre as necessidades/carências percebidas pelos/as jovens e o desejo que a mãe e o pai têm de verem seus/as filhos/as numa condição de vida melhor que a deles/as. Assim os/as pais/mães demonstram a crença no estudo, como o principal caminho para alcançar esse êxodo, por isso incentivam seus/as filhos/as para os estudos.

Em outros momentos, no entanto, nos caminhos de pesquisa, podemos perceber a autoridade da família, principalmente na figura paterna, sendo gestada no assentamento. O pai determina a permanência da filha no assentamento, por considerar que a vida rural é característica da sublevação feminina. Novamente se faz necessário refletir acerca das relações de gênero, uma vez, que “[...] os sistemas de sexo/gênero são, portanto, objeto de estudo mais amplo que nos permite compreender e explicar o duo, ou seja, a subordinação feminina dominação masculina”. (BARBIERI, 1993 *apud* JOFFER, 2008, p. 02).

Por isso, as relações de gênero envolvem relações de poder, nesse caso, constituídas entre homens e mulheres. O conceito de gênero deve, dessa forma, ser entendido com uma concepção relacional e simbólica, não podendo assim se referir a um lado somente das distintas identidades sexuais, por isso o gênero se coloca no centro das discussões teóricas de identidades culturais.

Nesse sentido, as relações de gênero devem ser analisadas como construções, uma vez, que estas se constituem através da dinâmica das relações sociais. As relações de gênero refletem assim, concepções de gênero, como analisa Saffiotti “[...] não basta que um dos gêneros conheça e pratique atribuições que lhes são conferidas pela sociedade, é imprescindível que cada gênero conheça as responsabilidades do outro gênero”. (SAFFIOTTI, 1992, *apud* CARLOTO, 2008, p. 02).

E ainda, ao reconhecerem-se as representações construídas acerca dos modelos dominantes que definem tais responsabilidades, torna-se possível refletir sobre outras dimensões que estão imbricadas no contexto social e fortalecem as situações de inferiorização de um gênero para com o outro.

Esta constatação ratifica a perspectiva de conflituosidade entre raça/etnia/gênero/classe social salientada por Saffiotti (2004). Ao contemplar tais categorias interrelacionadas, as análises permitem compreender uma realidade complexa, consente um olhar crítico e abrangente, no



entanto, valoriza as diferenças marcantes, mas não antagônicas ou inferiorizantes, entre *ser um/a jovem do campo* ou *ser um/a jovem da cidade*.

Nas cidades há a preponderância de padrões comportamentais e de valores para impulsionar o mercado ávido por lucro gerado pelo consumo. Este é orientado por modelos de ser e estar no mundo, de se vestir e de lidar com o corpo, negadores e desmerecedores da juventude rural. Como analisa Guaraná, “[...] ser jovem rural carrega o peso de uma posição hierárquica de submissão”. (2006, p. 01).

Tais construções estão balizadas por princípios dicotomizados que procuram manter formalizações e fragmentações, na tentativa de descrever, definir ou delimitar o que é isso ou aquilo, o que é ser pessoa do campo ou da cidade, o que é uma identidade e outra, com uma perspectiva de hierarquização.

Nesse sentido, não se pode separar a análise sobre os assentamentos rurais da preocupação que nos cerca de refletir: Para onde irão os/as filhos/as dos/as assentados/as? Se a saída dos/as jovens dos assentamentos significa fracasso, ou uma opção para melhorias de vida? Com que concretude, as relações sociais e de gênero são vivenciadas no interior dos grupos? Compreender tais concepções de vida e as representações permeadas nos assentamentos rurais é, no entanto, o início de um reconhecimento da heterogeneidade que compõe o rol das lutas cotidianas.

Em contrapartida, pensar as relações de gênero é refletir acerca da construção social, entendendo as múltiplas identidades dos indivíduos constituídas em espaços diversificados. Dessa forma, as relações de gênero também permeiam o cotidiano dos assentamentos, marcam os/as jovens e levam as nossas próprias marcas, ao passo, que se constroem as representações.

Assim sendo, precisamos dialogar com as contradições, compreender a construção histórica das condições de subordinação e dominação, assim como as relações que envolvem jovens do campo e da cidade, já que ainda prevalece na sociedade concepções hierárquicas e discriminantes. É preciso, portanto, pensar as relações de gênero cotidianamente, por se colocarem a todo o momento na vida familiar, na mídia, no mercado, na política, analisando-as em seus meandros e para o fortalecimento dos mecanismos de resistência feminina.

### *Bibliografia*

ADELMAN, Mirian. O Gênero na Construção da Subjetividade: Entendendo a “Diferença” em Tempos Pós-Modernos...In: ADELMAN, Mirian; Silvestrin, Celsi Brönstrup. (Orgs). *Coletânea Gênero Plural*. Curitiba: UFPR, 2002, p. 49-61.



- CARLOTO, Cássia Maria. O Conceito de Gênero e Sua Importância para a Análise das Relações Sociais. *Serviço Social em Revista*, UEL, vol. 3, n. 2, 2008. Disponível em: [http://www.ssrevista.uel.br/c\\_v3n2\\_genero.htm](http://www.ssrevista.uel.br/c_v3n2_genero.htm) Acesso em: 21/06/10.
- ENTREVISTA com Joan Wallach Scott. *Revista Estudos Feministas*. Ano 6. n. 4. Florianópolis, 1998.
- GUARANÁ, Elisa de Castro. As Jovens Rurais e a Reprodução Social das Hierarquias: Relações de Gênero em Assentamentos Rurais. In: Simpósio *Reforma Agrária e Desenvolvimento: Desafios e Rumos da Política de Assentamentos Rurais*. Araraquara, São Paulo: UNIARA, 2006.
- GUARANÁ, Elisa de Castro. *Entre Ficar e Sair: Uma Etnografia da Construção Social da Categoria Juventude Rural*. 2005. 380f. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
- JOFFER, Suzana da Cunha. As Relações de Gênero no Trabalho: Uma Análise da Inserção das Mulheres e Homens na Rede de Fast Food. In: *Fazendo Gênero 8-Corpo, violência e poder*. ST 29: Relações de Poder e Gênero. Florianópolis: UFF, 2008. p.01-08.
- LAURETIS, T. A Tecnologia do Gênero. In: HOLLANDA, B.H. Tendências e Impasses: *O Feminismo Como Crítica da Cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- LEFEBVRE, Henri. *La Presencia y La Ausencia*. México: Fondo de Cultura Económica, 1983.
- LEFEBVRE, Henri. Estrutura Social: A Reprodução das Relações Sociais (cap. 15). In: FORACCHI, Marialice Mencarini; MARTINS, José de Souza. (org). *Sociologia e Sociedade: Leituras de Introdução à Sociologia*. São Paulo: Hucitec, 1996. p.220-252.
- MEDEIROS, Leonilde Sérvolo. Assentamentos Rurais: Perspectivas ou Final de um Ciclo? In: Simpósio Sobre Reforma Agrária e Assentamentos Rurais 2010 – Assentamentos Rurais: Controvérsias e Alternativas de Desenvolvimento. IV, 2010, Araraquara-SP. *Mesa-Redonda (Palestra Proferida)*. Araraquara-SP: UNIARA, 2010. p.03-04.
- SAFFIOTI, H. I. B. *Gênero, Patriarcado, Violência*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. (Coleção Brasil Urgente).
- SCOTT, Joan W. *Gênero: Uma Categoria Útil Para a Análise*. Tradução (para o português) de Christine Rufino Dabat Maria e Maria Betânia. Àvila. Recife: SOS Corpo, 1991. Disponível em: [http://www.dhnet.org.br/direitos/textos/generodh/gen\\_categoria.html](http://www.dhnet.org.br/direitos/textos/generodh/gen_categoria.html). Acesso em: 21/06/10.
- SOUZA MARTINS, Heloisa Helena T. A Juventude no Contexto da Reestruturação Produtiva. In: ABRAMO, Helena Wendel; FREITAS, Maria Virginia de; SPOSITO, Marília Pontes. (orgs). *Juventude em Debate*. São Paulo: Cortez, 2002. p.17-40.